

EFEITOS DE SENTIDO NAS PÁGINAS DA HISTÓRIA DO BRASIL ESCRITA NO ANO DE 2000 (1868-72), DE JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS

Ana Cláudia Romano Ribeiro<sup>1</sup>

Doutora em Teoria e História Literária; Professora do Mestrado em Letras UNINCOR  
Grupo de Pesquisas Minas Gerais: diálogos  
U-TOPOS (IEL/UNICAMP)

O mineiro Joaquim Felício dos Santos publica, entre 1868 e 1872, em forma de folhetim, no jornal *O Jequitinhonha*, de Diamantina, por ele fundado, as satíricas *Páginas da História do Brasil escrita no ano de 2000*<sup>2</sup>. Alexandre Eulálio as definirá como uma “História do Brasil de brinquedo”, “meio sátira, meio utopia”, escritas por um homem empenhado na vida política brasileira, leitor de Morus e Campanella, e autor de *Memórias do distrito diamantino* e de um projeto de Código Civil (seus escritos mais conhecidos). Interessa-me no âmbito dessa comunicação estudar os efeitos de sentido provocados pelo modo satírico de construção desse texto.

Para começar, gostaria de refletir sobre *sátira*, a modalidade literária à qual pertencem as *Páginas* de Joaquim Felício dos Santos. Por modo ou modalidade narrativa satírica entendemos “a crítica das instituições ou pessoas, na censura dos males da sociedade ou dos indivíduos” (MOISÉS, 1982, p. 469).

A sátira, além de modalidade narrativa, é também um gênero literário de difícil definição – e por isso chamado de “Proteu da literatura” por vários estudiosos<sup>3</sup>. Sua forma pode variar imensamente.

A sátira participa do campo chamado pelos antigos de “sério-cômico” (*spoudogeloion*) (BAKHTIN, 1993, p. 412), caracterizado pela mediação do *riso* (*gelon*) no tratamento de coisas sérias (*spoudaion*) (cf. HENDRICKSON, 1927, p. 51-52).

Na tradição romana, ela teria uma finalidade moralizadora mais explícita, seguindo o preceito horaciano do “dizer a verdade rindo” (*ridentem dicere verum*), afinal, *solventur risu tabulae*, o riso triunfa sobre as mais impenetráveis barreiras e torna palatáveis as mais amargas verdades. Em Horácio, a sátira permanece num registro ameno, com Juvenal, porém, ela adquirirá um tom pessimista e um caráter incisivo e azedo.

A modalidade satírica impregna várias obras, de Hesíodo aos dias de hoje, passando pelo teatro de Aristófanes e de Molière, pelas novelas de cavalaria, pelas cantigas de escárnio e maldizer, por Thomas Morus e Erasmo, pelas narrativas filosóficas de Diderot e Voltaire, por Gregório de Matos, Swift, Fielding e Machado de Assis.

Por alimentar-se de acontecimentos da vida social e individual de sua época, a sátira tem um caráter efêmero: “tende a envelhecer e a perecer com os eventos que a suscitaram; obra de momento, desvanecida a conjuntura que lhe motivou o aparecimento, a sátira perde sentido e força à medida que o tempo passa.” (MOISÉS, 1982, p. 470). Contudo, ela resiste ao

<sup>1</sup> E-mail: anaclaudiarr@hotmail.com

<sup>2</sup> As *Páginas da História do Brasil escrita no ano de 2000*, de Joaquim Felício dos Santos, são nosso atual objeto de pesquisa, cujo resultado final será sua publicação em livro, em versão integral, precedida de um estudo.

<sup>3</sup> Na *Odisseia*, Proteu é um deus do mar que tem o poder de se transformar em qualquer forma que deseje. Possui o dom da profecia, mas se um mortal lhe pergunta sobre o futuro, ele evita responder, transformando-se em animal, planta ou elemento.

desgaste dos anos quando a causa do ataque persiste, quando o elemento satirizado permanece vivo em uma sociedade ou como falha inerente ao homem.

Segundo Eulálio (1957, p. 103), as *Páginas da História do Brasil escritas no ano de 2000* nasceram como reação à crise de 1868, que teve como elemento detonador o polêmico episódio da queda do Gabinete Zacarias, apoiada pelo imperador, apesar da resistência da maioria liberal que compunha a Câmara. Para os adversários de Pedro II, esse episódio se ressentia como, praticamente, um golpe de Estado. Um dos bastiões de resistência à monarquia era o jornal *O Jequitinhonha*; ele promoveu uma verdadeira campanha que ironizava, escarnejava e levava “ao último ridículo” todas as figuras do Governo responsável pela queda dos liberais, pela dissolução da Câmara e pela vitória eleitoral comprada. O folhetim de Joaquim Felício dos Santos fez parte dessa campanha. Temos, então, na gênese do texto de Joaquim Felício dos Santos um acontecimento histórico pontual. Menos pontuais – e mais perenes – são as páginas que alvejam a corrupção e o sistema monárquico em seus aspectos gerais.

A sátira é, explicitamente, a junção de Literatura e História, escrita ficcional construída com elementos da realidade contingente e que expressa mais imediatamente os conteúdos da vida social. Ela é o resultado literário do afastamento entre realidade insatisfatória e realidade ideal (cf. LUKÁCS, 2009), entre contingência e permanência, entre imperfeição e perfeição, entre materialização concreta e incompleta de um conceito e formulação abstrata e ideal desse conceito. Na definição formulada por Hegel, a sátira é o contraste entre essência e fenômeno. Esse contraste provoca substituição e deslocamento de sentidos.

Um dos efeitos de sentido provocados pelo contraste entre essência e fenômeno é a dessacralização. A sátira dessacraliza de seu alvo. Para descrever satiricamente, é preciso analisar; para analisar, é necessário aproximar o objeto, para entendê-lo no todo, deve-se primeiramente separá-lo em partes: “O objeto é quebrado, desnudado (o seu arranjo hierárquico é retirado): despido ele é ridículo, como também é ridícula a sua roupa “vazia”, retirada e separada da sua pessoa.”; esse desmembramento provoca o riso (BAKHTIN, 1993, p. 414).

Nas *Páginas da História do Brasil escritas no ano de 2000*, Dom Pedro II faz uma viagem no tempo: um médium russo, o Dr. Tsherepanoff, depois de ler, à distância (mais precisamente, em Paris), os pensamentos do imperador – que desejava “ler no futuro a história de seu reinado” (p. 126) – aparece defronte dele, subitamente transportado por “um coro dos espíritos da França” (p. 127).

O imperador se assusta e Tsherepanoff se apressa em esclarecer: “Aos espíritos nada é impossível. Lemos no futuro, como no presente e no passado. Para nós não há arcanos inexplicáveis. Da campa evocamos os mortos para deciframos os mistérios do além-túmulo.” (p. 127). Propõe então que transponham “os umbrais do futuro”, ao que o imperador responde:

- Quero e já.

O médium estendeu as mãos sobre a fronte de S. M.: Quero, ordeno e mando que durmas, disse.

O Imperador cerrou as pálpebras e dormiu. (p. 127).

Acordou cento e trinta anos depois, em 1º de janeiro de 2000, “primeiro dia do século XXI” (p. 128), na cidade de Guaicuí, capital da Confederação dos Estados Unidos do Brasil.

No ano de 2000, “o Brasil forma uma Confederação de cento e vinte e dois estados, regidos todos por constituições republicanas” (p. 129). Nesse Brasil republicano aboliram-se os títulos de nobreza, a aristocracia, o privilégio: “O que distingue um cidadão [...], o que o eleva acima de seus iguais, são as qualidades pessoais, a virtude, a ilustração, o patriotismo, a dedicação, a filantropia, os serviços prestados ao país ou à humanidade.”; “Liberdade, igualdade e fraternidade, [essa] é a base da constituição moderna”, explica o médium (p. 130).

É nesse Brasil do futuro que se passa uma cena capaz de exemplificar plenamente o conceito de sátira de Hegel. Dom Pedro se encontra na Petrópolis do ano 2000. Essa cidade não é mais “o paraíso dos fluminenses”, que para lá se dirigiam, “fugindo o calor, o pó, as exalações pútridas, fétidas, mefíticas da Corte” (p. 144), conforme escreveu Agassiz (naturalista suíço que estudou o Brasil), informa o narrador, em 1869. A cidade

é um deserto, uma velha tapera abandonada, coberta de espessa mata, ostentando o luxo, o vício, a força vegetativa de nossa natureza tropical com meia dúzia apenas de miseráveis casebres habitados por algumas dezenas de gente pobre que vive da caça e de uma pequena indústria, a extração do salitre. (p. 144).

O Palácio Imperial reduziu-se a ruínas, “montões de guano” e a local de refinamento do salitre. Uma mulher, Luísa, ali trabalhava enquanto carregava sua filha no colo. A criança choramingava e a mãe tentava acalmá-la. Como nada surtisse efeito, a mãe pronunciou as seguintes palavras: “- Cala-te, minha filha, [...], que aí vem o Imperador.” (p. 145).

Luísa não havia visto Dom Pedro, logo, sua fala não se referia a ele. A que Imperador ela se referiria? Ela mesma explicará: “É um modo de falar. [...] Quando queremos acalantar uma criança, para amedrontá-la, costumamos dizer: *aí vem o imperador!*, como se disséramos *aí vem o tutu*, ou *o lobisomen*.” E então ela relata que “em outros tempos” houve “um mau imperador; um homem que era senhor do Brasil, fazia o que queria”. Ele desgraçou a população “a ponto de ainda hoje só seu nome” inspirar horror e servir “para acalantar e fazer as crianças tremerem [...]” (p. 146).

Percebemos então que, no ano 2000 tal como é descrito por Joaquim Felício dos Santos, a “essência” do queria um imperador ideal não corresponde em nada ao imperador empírico, ao “fenômeno” imperador. “Imperador” não indica mais um líder político investido de nobreza; se ainda indicasse, não haveria discrepância entre o conceito de imperador e sua materialização, entre essência e fenômeno. Imperador, no futuro, indica “tutu” ou “lobisomen” – deslocamento de sentido tão inesperado que provoca um efeito cômico.

A desmoralização não para aí: o marido de Luísa encontrara, “enterrado ali na lama da cozinha” (p. 146), um busto esculpido:

O busto estava debaixo do carvão, junto à fornalha. Luísa o descobriu, arredando o carvão que o ocultava.

Logo que S.M. viu o busto, tornou-se rubro de cólera. Era o seu busto, um de seus mais ricos e perfeitos bustos de fino mármore que havia no palácio de Petrópolis. Apesar de maltratado e denegrido pelas cinzas e o carvão, ainda se conhecia a perfeição artística. Só a frente se achava um tanto gasta pelo uso: era onde o marido de Luísa costumava amolar suas facas de mato, machado e instrumentos de trabalho. (p. 146-147).

Pedro II, enraivecido, manifesta o desejo de comprar o busto que, “apesar de maltratado e denegrido pelas cinzas e carvão”, ainda mostrava sua “perfeição artística”. Luísa o dá gratuitamente, e acrescenta que o levando, ele lhe fará um obséquio, pois sua filha não mais terá mais do que ter medo.

Um segundo exemplo de deslocamento de sentido está colocado já no título das *Páginas da História do Brasil escrita no ano de 2000*, trata-se da localização dos acontecimentos em um tempo futuro: no ano 2000. As *Páginas* se inscrevem na tradição dos relatos de viagens no tempo em que se descreve uma sociedade localizada em um tempo por vir. Esse gênero de histórias, também conhecidas como “romances de antecipação”, teve ampla fortuna; dele derivarão inúmeras variantes, em geral distópicas, como a ficção científica. Aqui basta lembrar *Épigone, histoire du siècle futur* (1659), de Michel de Pure, *L’an 2440, rêve s’il en fût jamais* (1771), de Louis-Sébastien Mercier, *Nineteen Eighty-Four* (escrito em 1948), de George Orwell, o conto “O Desafio”, de Antonio Olinto, que se passa no ano 2462, e *Infinito em pó*, de Luís Giffoni (os dois últimos serão analisados, respectivamente, por Bruna P. Caixeta e Humberto G. Pereira neste 1º Encontro Tricordiano). À primeira vista, o tema principal dos relatos de antecipação parece ser o futuro; no entanto, uma leitura mais detida revela ao leitor que verdadeiro tema dos relatos de antecipação é o presente do autor, que contém, em germe, o futuro descrito. Logo, por *futuro*, entenda-se *presente*: esse jogo de sentido, que opera pela substituição e deslocamento de conceitos, é o ponto de partida das *Páginas* de Joaquim Felício dos Santos, além de ser o que caracteriza mais fundamentalmente a sátira.

A descrição do futuro, porém, não é apenas projeção do presente, é uma forma de desfamiliarizar e reestruturar a experiência que se tem do presente (cf. JAMESON, 2008, p. 16), de pôr à prova ideias e noções estabelecidas: assim, os valores que poderiam parecer mais imutáveis revelam-se passageiros. A hierarquização social do Brasil imperial, por exemplo, foi substituída pelo nivelamento das classes promovido pela república; não mais existem negros, índios, brancos ou mestiços, apenas cidadãos, logo, qualquer distinção feita a partir da cor não tem validade, nem mesmo é cogitada no Brasil do ano 2000, para horror do viajante no tempo Pedro II: “Barbarizaram-se os brasileiros!” (p. 130), diz ele quando toma conhecimento da nova ordem social.

Graças a essa nova ordem social, um indivíduo de “baixa origem” tornou-se “presidente de uma república de 142 milhões de habitantes” (p. 139). O nome dele é João Servius Pugirá,

[...] cabra amestiçado, de estatura alta, corpulento, olhos negros, vivos expressivos, lábios grossos, nariz carnudo, cabelos pretos, bastante ondulados, já pintando de branco, dentes alvos, pontiagudos, fronte larga, inteligente, sobranceiras bastas. Conta já com seus 63 anos de idade, mas mostra-se ainda tão robusto e bem conservado que ninguém lhe dará 50. Já pelo nome se poderá conhecer alguma coisa de sua origem. É natural de Curitiba, capital do Estado do Paraná, nasceu no ano de 1937, filho de uma índia da tribo dos guaranis, casada com um crioulo cujos antepassados foram escravos da fazenda do...

- Basta, isso já é demais...

Parece-nos ter ouvido estas palavras do leitor, interrompendo-nos, nas pontas dos pés, todo indignação [...]. (p. 139).

Vemos então Dom Pedro II apertar a mão do Cidadão Pugirá (o Presidente da República, chamado também de Cidadão Presidente): “Outros tempos, outros costumes.” (p. 140); “O que em um século pode ser vício ou crime, em outro pode ser virtude ou patriotismo.” (p. 154). O futuro é uma espécie de mundo às avessas.

As *Páginas* continuam. Nota-se a ausência de um plano narrativo pré-estabelecido: não há começo, nem meio, nem fim, “a narrativa constrói-se por si mesma, aos poucos”, ela dá guinadas em muitas direções, “indo e voltando a todo momento, conforme fosse necessário caricaturar a última manobra da gente do Governo” (EULÁLIO, 1957, p. 103-104). Ou seja, a narrativa sucumbe à História; a História guia e submete a narrativa. Para Teodomiro Pereira, correligionário de Joaquim Felício dos Santos, as *Páginas* equivalem ao “processo do Império”: “O estilo vibra com a agilidade de vergasta. São páginas de bronze. Tácito e Juvenal.” (apud EULÁLIO, op. cit., p. 104).

### **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BAKHTIN, M. “Epos e romance”. In: *Questões de literatura e de estética (A teoria do romance)*. Trad. São Paulo: UNESP, 1993.

EULÁLIO, A. As páginas do ano 2000. *Revista do Livro*, ano II, junho, 1957, pp. 102-160.

EULÁLIO, A. As páginas do ano 2000. In: Calil, C. A.; Boaventura, M. E. (orgs.). *Livro involuntário*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1983, pp. 62-72.

HENDRICKSON, G. L. *Satura Tota Nostra Est*. *Classical Philology*, 22, 1927, p. 46-60.

JAMESON, F. *Penser avec la science-fiction*. Paris: Max Milo, 2008.

LUKÁCS, G. A questão da sátira. In: *Arte e sociedade. Escritos estéticos 1932-1967*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MOISÉS, M. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1982.